

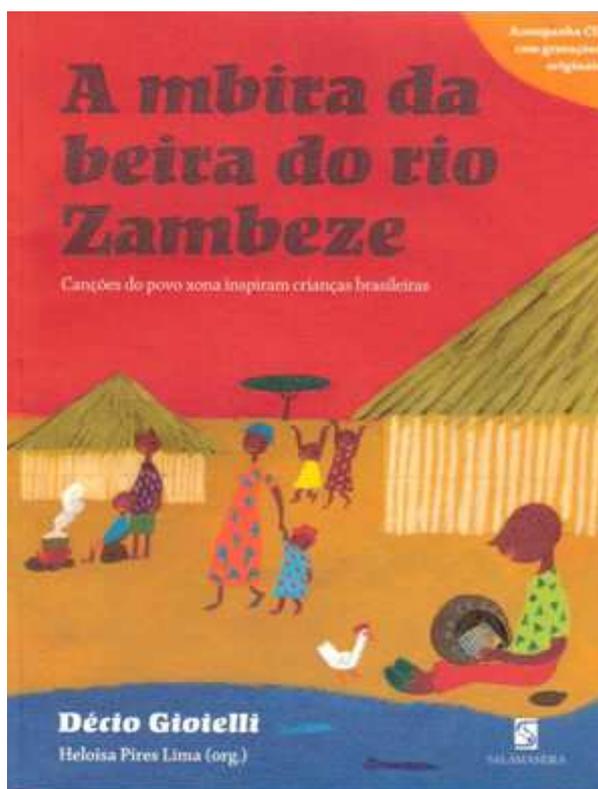
## Outras Linguagens

Roselete Fagundes de Aviz<sup>1</sup>

Sim, essa obra dança

**E**m um pátio imenso, na cidade de *Chimoio* – Moçambique - crianças recém-chegadas, de diferentes localidades, se reúnem em torno de um jovem alto. *Chimoio* é a cidade moçambicana que faz fronteira com outro país africano: *Zimbabwe*. Embora a língua oficial do *Zimbabwe* seja o inglês e a de Moçambique português, muitas crianças dos dois países se entendem bem nas diferentes línguas africanas bantu que as une. Além de que o Rio Zambeze também liga os dois países. Elas têm entre oito e doze anos, aproximadamente. O adulto propõe o jogo envolvendo dança, contos, conselhos ou canções. Assim, elas entram na brincadeira. Entre risos e muito movimento, as crianças combinam entre si a brincadeira, o que querem contar, dançando.

À frente do grupo aparecem seis meninas para contar uma história. Ao som de tambores percutidos por alguns jovens, as crianças entram no desafio. Elas propõem uma à outra os passos a partir do que os tambores tocam. Dessa vez, elas dançam *kebirimo*. As crianças que assistem vibram e não conseguem ficar com o corpo parado. Os adultos também aplaudem. Depois é a vez da roda. Primeiramente, aparecem as matriarcas movimentando seus corpos. Ao darem alguns passos à frente, uma menina chega, reproduzindo os mesmos movimentos e ali dialogam durante algum



<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e atualmente Professora substituta na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: roseaviz@hotmail.com

tempo, até que um dos corpos dá o sinal de que é a vez de outra matriarca e outra menina entrarem. Ao moverem-se os corpos se ajudam e se entregam aos movimentos, e todos se fazem mais presentes tanto na dança como no encontro com o outro. Ao final, nosso olhar se estende para o lado. É o momento em que as seis meninas voltam a ser novamente as protagonistas daquela *performance*.

O termo *kbirimo* significa “entrejuda” ou “solidariedade entre pessoas”. A dança *makhuwa* do litoral Palma e Mecúfi – Moçambique – é praticada geralmente por mulheres jovens, com participação obrigatória das crianças (meninas). Todavia, as senhoras praticam-na muitas vezes para recordarem o seu tempo de juventude, pois, devido à idade, dificilmente conseguem executar os movimentos próprios da dança. Os homens são simplesmente instrumentistas do tambor. O tambor faz a conexão com os antepassados que sempre se fazem presentes em momentos como esses. Há o canto que acompanha a dança, mas que só cresce quando o tambor para, porque quando ele recomeça a bater volta imponente, fazendo com os corpos que brincam verdadeiros desafios. Quem olha, fica hipnotizado. Em momentos como os da dança *Kbirimo*, a integração das crianças ao universo jovem e adulto remete fundamentalmente ao não egoísmo, ao ato de prestar atenção ao outro, à ação responsiva do corpo. A solidariedade que a dança *Kbirimo* evoca leva à criação de sensibilidade ao outro. Uma sensibilidade que continuará sendo alimentada e desenvolvida a cada encontro. A dança *Kbirimo* traduz a solidariedade como um sentimento, já que a dança não pode ser uma atividade solitária, mas, acima de tudo, traduz acolhimento, interação: lições de comunicação que o corpo ensina de geração a geração. Contam histórias de outras mulheres nos movimentos que seus corpos traduzem porque na dança está a responsabilidade para com os corpos de mulheres outras incorporados aos seus.

Lembrei-me dessa história quando escolhi o livro para essa conversa: *A mbira da beira do rio Zambeze*, de Décio Gioielli. Uma obra cheia de curiosidade sobre o Zimbabwe. Além dos diferentes gêneros discursivos e funções da linguagem pelos quais a obra é composta, algumas palavras em línguas bantu são atiradas ao longo do texto do jeito que elas são: *gwenyambira, chipembere, shiri...* E se é essa língua a língua do personagem principal: *Chaka*, por que não apresentá-la ao leitor? *Chaka* é um menino *Shona*, cuja família ensinou-lhe a tocar um instrumento: a *mbira*. Além de tocar um dos instrumentos mais significativos à sua gente, o menino aprendeu que a *mbira* é um instrumento que, por intermédio de seu som, encoraja e fortalece as pessoas, incentiva-as a vencer os obstáculos que a vida apresenta porque, pelo som da *mbira* e pelo canto, se pode fazer qualquer comunicação com os ancestrais.

É com seu instrumento que *Chaka* nos apresenta um pedacinho de seu país, principalmente algumas particularidades de seu grupo: o *Shona*. Tudo no livro é interessante, mas são as músicas que a *mbira* produz, sonhadas e tocadas pelo próprio *Chaka*, que convidam o leitor a ler tudo que o livro

apresenta de corpo inteiro. Sendo assim, o convite é para dançar. Isso só é possível porque o livro foi cuidadosamente produzido, com um CD, no encarte, inclusive.

O leitor pode começar pela primeira faixa: “*Papaxipá-pa, Papaxipá-pa/ Ondé iô, onde ieô/ Ondé iô, onde ieô.*” *Papaxipá-pa* é um som onomatopaico, próprio das danças do Zimbábwe. Pa = batida do pé no chão, xi = arrastar dos pés, quando impulsionado o corpo para trás. Assim como a dança *Khirimo*, de Moçambique, esse tipo de dança do Zimbábwe é praticado em lugares abertos e com chocalhos amarrados aos tornozelos, para reforçar os sons dos pés.

Todas as composições apresentadas no livro são criações de Décio Gioielli, a partir da sua longa experiência musical em países do continente africano, em especial, com as canções do povo *Shona*. Cuidadosamente, o autor traz as vozes para acompanhar o som do instrumento musical e a dança, uma vez que, na maioria dos países africanos, canto e dança não se separam. O destaque especial à *mbira* enriquece ainda mais a experiência musical que Décio traz ao leitor. O livro traz uma significativa pesquisa sobre o instrumento e sua relação com o Brasil.

Isso tudo para dizer que “*A mbira da beira do rio Zambeze*” convida o leitor a sair de sua solidão e cair na dança, principalmente, na escola, em casa, na rua, onde quer que esse leitor esteja porque a obra traz como tema principal: a experiência musical de um povo.

Ah! Ia esquecendo. Embora o livro seja de autoria do Décio, sua organização foi da experiente Heloísa Pires Lima, a fotografia da Marie Ange Bordas, as ilustrações da Suppa e as vozes que ajudam Décio a entoar as canções são de Luhli e Luciana.

O que *Chaka* e as crianças de *Khirimo* podem nos ensinar sobre seus países? Que em suas realidades, antes de aprenderem qualquer palavra, isto é, antes de falar, logo que começam a andar, correr, saltar e jogar elas começam a dançar. Ainda bem pequenas, adultos e outras crianças são seus mediadores na expressão por meio do corpo em relação com a música. Aprendem que seus corpos têm muito valor e que as palavras, os sons, a música e o silêncio são fundamentais nessa aprendizagem. Nos quintais de suas próprias casas, acompanhadas de seus familiares, crianças e adultos traduzem sua alegria com seus corpos soltos no espaço. Assim, aprendem a reconhecer a vida que existe em seus corpos, porque, para eles, não há vivência musical que não se estenda ao corpo. Por tudo isso, insisto: há que se perceber “*A mbira da beira do rio Zambeze*” de corpo inteiro. Há que se perceber “*A mbira da beira do rio Zambeze*” como vivência musical que se amplia e se enriquece porque se estende ao corpo.

Assista aqui o vídeo da Dança *Khirino*: <http://youtu.be/vC77DW0vA-E>

Ouçã aqui a canção *Mondoro* do livro: <http://youtu.be/kddF-dSx0ZU>